

NOUS VIVONS DANS L'OUBLI DE NOS MÉTAMORPHOSES

As linhas de contorno escavam o lodaçal de tinta. O desenho nasce abrindo veios na camada espessa de cor – ele é difícil, luta contra uma matéria espessa; pode-se quase dizer que não há pincelada, mas corte; em outras, mais e mais avalanches saídas dos tubos. No entanto, tamanha aspereza não obstrui em nada a sensibilidade particular irradiada. Tal duplicidade parece refletir algo que perpassa os trabalhos: a onipresença da metamorfose.

São pinturas capazes de promover uma *orgia temperada*. Dito de outro modo, a efusão se equilibra com um controle sutil e ponderado – as cores vibram, se contém na interação entre planos chapados e outros que permitem aceder às camadas inferiores sobre a tela, fulgurando, rebaixando-se. Interessa assinalar o quanto elas são, de certo modo, “duras” e estranhamente hipnóticas, volumosas e densas, reverberando os diversos extratos que as cimentam. É também uma exploração pictórica que lança mão de cores que guardam em si outro dilema, o de serem extremamente “pós-modernas” (são cores de um outro tipo de visualidade nascida da coexistência entre a pintura, a televisão, o computador, a publicidade, a indústria, as urbes – o mundo, enfim) e se estruturarem numa paleta incomum. Basta pensar em algumas variações de azul que ocupam as telas: elas possuem uma solidez, são peculiarmente compactas e, em certas ocasiões, conferem uma espacialidade quase escultórica às formas.

As pinturas de Maria Lynch aparentam possuir uma iconografia simples: uma figura que ao longo da tela gradualmente se transforma em outra, planos circundando diferentes cantos, um cogumelo isolado contra um fundo homogêneo. Todas estas imagens correspondem ao sentimento de devir incorporado pela artista. No entanto, há algo surpreendente neste desenho áspero, pois ele não só no fundo – mas, sobretudo, na superfície – retém a intensidade advinda deste atrito fundador exposto nos sulcos executados pelo pincel. O desenho nasce com a pintura; ambos são contíguos, sobrepostos. É uma pintura-desenho em processo que por si só participa das narrativas ali desenroladas e incorpora a mutabilidade como seu motor, seu dispositivo. A imagem é uma etapa e um duplo de algo que permeia toda a materialização do trabalho; ela é metalingüística e metonímica. Uma pintura cujo fim é também o reinício contínuo, uma *obsessão serena* e solar capaz de perguntar sempre se o que foi encontrado, ao invés de concluir a tela, não é antes a premissa para algo novo que a continuará, agregando significados a cada rearticulação interna. Em suma, uma energia cuja razão de ser é todo instante *tornar-se a outro* (evocando a famosa máxima de Rimbaud – *je est un autre*), uma pintura que se faz ela mesma ao ativar permanentemente a redescoberta de seu vir a existir.

Guilherme Bueno